



Os fragmentos póstumos sobre Darwin

Tradução: Wilson Antonio Frezzatti Jr.

Pós-Doutor pela Université de Reims Champagne-Ardenne, Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), líder do grupo de pesquisa “Filosofia, Ciência e Natureza na Alemanha do Século XIX”, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e pesquisador no Grupo de Estudos Nietzsche (GEN), da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), e no grupo de pesquisa “Lógica, Epistemologia e Filosofia da Linguagem”, da UNIOESTE, Cascavel, PR - Brasil, e-mail: wfrezzatti@uol.com.br

Apesar das menções a Darwin e à sua teoria da evolução, não há certeza de que Nietzsche tenha lido os textos capitais de Charles Darwin: *A origem das espécies* (1859, 1ª edição) e *A descendência do homem* (1871, 1ª edição). Havia, na biblioteca do filósofo alemão, um volume de *A variação das plantas e dos animais domesticados* (1868) (STIEGLER, 1998, p. 377) e há indícios que ele tenha lido *A expressão das emoções no homem e nos animais* (1872), como apontam os fragmentos póstumos 8 [119] inverno 1870-71 – outono 1872 e 6 [184] outono 1880. Em suas obras, no entanto, encontram-se dispersas críticas aos principais conceitos estabelecidos pelo biólogo inglês: a luta pela existência (FREZZATTI Jr., 2001, p. 61-91), a seleção natural (FREZZATTI Jr., 2001, p. 93-111), a seleção sexual (FREZZATTI Jr., 2001, p. 129-130) e o desenvolvimento da moral a partir dos instintos de compaixão e altruísmo

(*sympathy*) (FREZZATTI Jr., 2001, p. 112-121). Seu conhecimento e suas críticas sobre as teorias de Darwin foram constituídos muito provavelmente por meio de leituras indiretas: *Origem e conceito da História Natural* (1865), de Carl Naegeli; *História do materialismo* (1868), de Friedrich Albert Lange; *A natureza dos cometas* (1871), de Johann Karl Friedrich Zoellner; *Teoria da descendência e darwinismo* (1873), de Oskar Schmidt; e, especialmente, as obras dos neolamarckistas alemães Wilhelm Roux, William Henry Rolph e Carl Ludwig Rüttimeyer.

O livro *A luta das partes no organismo* (1881), de Wilhelm Roux, fazia parte da biblioteca do filósofo alemão, sendo estudado em dois períodos: primavera-outono de 1881 e primavera-verão de 1883. As noções de luta entre os constituintes do corpo e de adaptação funcional foram muito importantes para o desenvolvimento da noção de vontade de potência.

Problemas biológicos (1882, 2ª edição 1884), de Rolph, também foi estudado por Nietzsche. Esse biólogo recusa a luta causada pela escassez de recursos proposta por Darwin: a luta é consequência de uma insaciabilidade eterna causada por uma infinita capacidade de absorção celular. O suíço Rüttimeyer foi colega de Nietzsche na Universidade da Basileia em meados da década de 1870. Em seus livros e nas conversas com o colega, o filósofo alemão aprende sobre temas tais como o surgimento de novas espécies e a ocupação da terra por animais marinhos.

Os excertos em que Nietzsche cita explicitamente o nome de Darwin são os seguintes: a) textos publicados: *David Strauss: o devoto e o escritor*, § 7, 8 e 9; *A gaia ciência*, § 357; *Além de bem e mal*, § 253; *Genealogia da moral*, Prefácio § 7; e *Crepúsculo dos ídolos*, Incursões de um extemporâneo § 14 (“Anti-Darwin”); b) fragmentos póstumos: 8 [119] inverno 1870-71 – outono 1872, 6 [184] outono 1880, 8 [4] inverno 1880-81, 10 [D88] primavera 1880 até primavera 1881, 11 [177] primavera – outono 1881, 24 [25] inverno 1883-1884, 25 [85] primavera 1884, 28 [45] e [46] outono 1884, 34 [73] abril-junho 1885, 7 [25] fim 1886 – primavera 1887 (“Contra o darwinismo”), 12 [1] início 1888, 14 [123] (“Anti-Darwin”) e [133] primavera 1888 (“Anti-Darwin”). Há ainda quatro trechos de textos publicados e 23 fragmentos póstumos nos quais o filósofo alemão menciona os termos *Darwinismus* (darwinismo), *Darwinisch* (darwiniano), *Darwinist* (darwinista) e *Darwinistisch* ou *darwinistisch* (darwinista, substantivo ou adjetivo). Nesta edição de *Estudos Nietzsche*, trazemos apenas os fragmentos póstumos que

mencionam o nome do naturalista inglês. Em uma próxima edição deste periódico, traduziremos os outros fragmentos póstumos.

O teor geral dos fragmentos a seguir é a crítica contra as teorias darwinianas. Além de usar alguns argumentos biológicos contra Darwin correntes em sua época, Nietzsche associa o darwinismo com a *décadence*: tal como o cristianismo, essa doutrina visa à produção do homem bom e civilizado, ou seja, o homem domesticado, uma configuração enfraquecida de impulsos. Dessa forma, podemos entender como a noção de vontade de potência se antagoniza às tendências que o filósofo alemão identifica como alinhadas ao darwinismo.

Nietzsche teve a possibilidade de conhecer Darwin pessoalmente. Em uma carta a Paul Rée do início de agosto de 1877, e em uma outra para Malwida von Meysenbug, de 4 de agosto do mesmo ano, o filósofo alemão menciona um convite de ir à Inglaterra e conhecer o biólogo inglês, entre outros. Na carta à Meysenbug, Nietzsche diz: “eu estabeleci contato proveitoso com um inglês, Sr. G. Croom Robertson, e sua família; eu tenho dificuldade em ter que deixá-lo hoje. Ele é professor da University College of London, e é o editor do *melbor* periódico de filosofia (não somente da Inglaterra, mas em geral; no máximo, a revue philosophique de Th. Ribot lhe iguala” (Briefe 5.268). O professor Robertson é o primeiro editor da revista *Mind*. Na carta, Nietzsche diz que colaboram na revista “*todos*” os grandes filósofos (“Spencer, Tylor, Maine, Darwin, etc., etc.”) e conta o interesse do editor pelo livro de Rée, seu gosto por Wagner e a promessa de, se Nietzsche e Rée forem a Londres, apresentá-los a todas as “autoridades célebres”. Sabe-se muito pouco sobre o encontro de Nietzsche com Robertson. Segundo Haaz (2002, p. 81, nota 176), talvez tenham lido e discutido *Esboço biográfico de uma criança* (*A biographical sketch of an infant*) de Charles Darwin.

Referências

DARWIN, C. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. Tradução de L. de S. Lobo Garcia. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FREZZATTI Jr., W. A. **Nietzsche contra Darwin**. São Paulo: Discurso; Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2001.

FREZZATTI Jr., W. A. **A fisiologia de Nietzsche**: a superação da dualidade cultura/biologia. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2006.

HAAZ, I. **Les conceptions du corps chez Ribot et Nietzsche à partir des Fragments posthumes de Revue philosophique de la France et de l' étranger et de la Recherche-Nietzsche**. Paris: L' Harmattan, 2002.

NIETZSCHE, F. **Sämtliche Briefe. Kritische Studienausgab**. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1986.

NIETZSCHE, F. Oeuvres philosophiques complètes. In: COLLI, G.; MONTINARI, M. (Org.). **Aurore et fragments posthumes 1879-1881**. Paris: Gallimard, 1997. v. IV.

NIETZSCHE, F. **Fragmentos póstumos (1875-1882)**. Traducción de M. Barrios e J. Aspiunza. Madrid: Tecnos, 2008. v. II.

RENAN, E. **Vie de Jésus**. 9e éd. Paris: Michel Levy Frères, 1863.

ROMANO, R. **Conservadorismo romântico**: origem do totalitarismo. São Paulo: Brasiliense, 1981.

STIEGLER, B. Nietzsche lecteur de Darwin. **Revue Philosophique**, n. 3, p. 377-395, 1998.

Recebido: 01/10/2010

Received: 10/01/2010

Aprovado: 25/05/2011

Approved: 05/25/2011

8 [119] inverno 1870-71 – outono 1872 (KSA 7.267)

Bell citado por Darwin

Sobre a expressão das emoções [*Gemüthsbewegungen*] (acerca da gênese da linguagem!).¹

¹ Nietzsche refere-se ao texto de Darwin *A expressão das emoções no homem e nos animais* (*The expression of the emotions in man and animals*, 1872). Charles Bell (1774-1842), neurologista e anatomista escocês, era partidário da Teologia Natural e aparece em inúmeras passagens do livro de Darwin. No início da introdução, lemos: “Sir Charles Bell, tão ilustre por suas descobertas em fisiologia, publicou em 1806 a primeira e em 1844 a terceira edição de seu *Anatomy and Philosophy of Expression*. Pode-se dizer com justiça que ele não só lançou as fundações do tema enquanto ramo da ciência, como também que ergueu uma bela estrutura. Seu trabalho é, em todos os sentidos, profundamente interessante; inclui uma descrição gráfica de todas as emoções e é admiravelmente ilustrado. É notório que sua contribuição consistiu principalmente em mostrar a relação íntima existente entre os movimentos de expressão e aqueles de respiração. [...] Por razões que apresentarei em breve, Sir C. Bell não tentou tanto quanto poderia levar adiante seus pontos de vista” (DARWIN, 2000, p. 13-14). Obviamente, Darwin não concorda com a visão de Bell de que o homem teria sido criado com certos músculos especialmente adaptados para a expressão de seus sentimentos: para o naturalista inglês, o hábito de expressar sentimentos por meio de certos movimentos foi adquirido gradualmente (cf. DARWIN, 2000, p. 28). As outras passagens são as seguintes: DARWIN, 2000, p. 18-21, 23, 31, 33, 53, 113, 118, 139, 150-151, 153, 161, 199, 205-207, 209, 219-220, 232, 253, 264, 274, 279, 285, 314. Em nenhuma delas, aparece uma menção explícita sobre a expressão das emoções e a origem da linguagem, embora em muitas delas apareçam considerações sobre as emoções e a respiração, tais como tristeza, riso, ódio, sofrimento e fúria. Darwin não trata diretamente da origem da linguagem no livro, porém afirma a importância das expressões para a comunicação e o reforço das palavras (DARWIN, 2000, p. 339). Os movimentos expressivos, para ele, revelam os pensamentos e as intenções melhor do que as palavras, pois estas podem ser falsas (DARWIN, 2000, p. 340). A importância de *A expressão das emoções no homem e nos animais*, para o biólogo inglês, parece estar em demonstrar a unidade das raças humanas em uma espécie e a origem humana a partir de espécies animais anteriores. No entanto, por vezes, Darwin discute a origem do nome de algumas emoções ou vocalizações associadas a elas: nesses casos, ele cita principalmente *The Origin of Language* (1866) e *Dictionary of English Etymology* (1859 e 1872), escritos por seu primo, o etimologista inglês Hensleigh Wedgwood. Um exemplo: mexer a cabeça e fechar a boca é expressão de negação; para emitirmos o som “ne” (presente em palavras de negação em várias línguas), a boca ou os dentes devem estar cerrados. Um trecho da introdução pode ter chamado a atenção de Nietzsche, uma citação que Darwin faz do filósofo metafísico francês Albert Lemoine, *De la physionomie et de la parole* (1865): “O livro de C. Bell deveria ser estudado por quem quer que tente fazer falar o rosto do homem, pelos filósofos tanto como pelos artistas, pois, sob uma aparência mais superficial e sob o pretexto da estética, é um dos mais belos monumentos da ciência das relações entre o físico e o moral” (DARWIN, 2000, p. 14).

6 [184] outono 1880 (KSA 9.244)

Temos que considerar nossos pensamentos como *gestos* que, como todos os gestos, correspondem a nosos impulsos [*Trieben*]. A teoria de Darwin deve ser introduzida.

8 [4] inverno 1880-81 (KSA 9.385)

Crescimento *em contraposição* ao juízo [*Urtheil*] que o rejeita pode ser dirigido pelo:

- a) medo (seus efeitos em Darwin, NB.²)
- b) orgulho e obstinação (vingança e crueldade) conforme isso,³ distinto: é questão de temperamento

10 [D88] primavera 1880 até primavera 1881 (KSA 9.433)⁴

Século XIX, Reação: Buscavam-se os *princípios fundamentais* de tudo aquilo que tivera *estabilidade* [*Bestand*], e buscava-se prová-los como *verdadeiros*. Estabilidade, fecundidade e boa consciência [*Gewissen*] eram considerados indícios de verdade! Eis o modo conservador de pensar: eles coletaram tudo o que ainda não estava abalado e consideraram o egoísmo dos proprietários como a mais forte objeção contra a filosofia do século XVIII: para os não proprietários e descontentes havia *ainda* a igreja, também talvez a arte (para indivíduos muito talentosos também a veneração ao gênio como agradecimento, se eles trabalhassem para os interesses conservadores)[.] Com a *história* [*Geschichte*]⁵ (novidade!), *provava-se, entusiasmava-se* pelos grandes

² NB. no original: do latim *nota bene*, note bem.

³ A palavra que consta no texto é *darnachr*: traduzimos como se fosse *danach*.

⁴ O caderno MP XV 1B (10 = primavera 1880 – primavera 1881) constitui-se de anotações para *Aurora*. Este fragmento tem um trecho que corresponde ao parágrafo 180 e semelhanças com o parágrafo 197.

⁵ Devemos lembrar que na língua alemã há dois termos que podem ser traduzidos por história: *Geschichte*, de uso mais geral e que significa os fatos ocorridos no passado; e *Historie*, o estudo da História e suas teorias, a ciência da História.

complexos fecundos, nomeados culturas [*Culturen*] (*nações!!!*). Lançava-se sobre o passado uma monstruosa porção do *zelo investigador* e também do *senso de veneração*: a nova filosofia e as ciências naturais os perderam — — agora um CONTRAGOLPE! A História [*Historie*] *por fim* provou algo outro do que se queria: ela deu provas de ser o mais seguro meio de aniquilação daqueles princípios. Darwin. Por outro lado, o historicismo cético como consequência, o re-sentimento [*Nachempfinden*].⁶ Aprendeu-se na história [*Geschichte*] a conhecer *melhor* as forças *motrizes*, e não nossas “belas” ideias! O socialismo funda-se *historicamente*, igualmente as guerras nacionais da História [*Historie*]!

11 [177] primavera – outono 1881 (KSA 9.508)

A era dos experimentos [*Experimente*]! As afirmações de Darwin estão por provar — por meio de experiências [*Versuche*]! Do mesmo modo, o surgimento dos organismos superiores a partir dos inferiores. Deve-se conduzir experiências [*Versuche*] há milhares de anos! Educar [*erziehen*] macacos em homens!

24 [25] inverno 1883-1884 (KSA 10.659)

as mais altas equidade e suavidade como estado de *enfraquecimento* (o Novo Testamento e a comunidade cristã primitiva)

(mostrando-se como completa *bêtise* nos ingleses Darwin, Wallace).

Vossa equidade, vós, naturezas elevadas, conduzi-vos ao sufrágio universal, etc., vossa “humanidade”, à suavidade contra o crime e a imbecilidade.

Ao longo do tempo, vós trareis a vitória para a imbecilidade e para a mansuetude.

(bem-estar e imbecilidade – *centro*) (por exemplo, Bismarck –

Externamente: era de guerras monstruosas, subversões, explosões

Internamente: fraqueza cada vez maior do homem. Os acontecimentos como *estimulantes*. O parisiense como o extremo da Europa.⁷

⁶ *Nachempfinden* significa repetir um sentimento anterior. Adotamos a solução utilizada pela edição espanhola dos fragmentos póstumos: re-sentimento (NIETZSCHE, 2008, v. II, p. 755). A edição francesa das obras completas traduz: “le sentiment de revivre le passé” (NIETZSCHE, 1997, v. IV, p. 711).

⁷ “O parisiense como o extremo da Europa” é uma ideia extraída de *Essais de psychologie contemporaine* (1883), de Paul Bourget.

Consequência.

1) *Os bárbaros*,
inicialmente, naturalmente, sob a forma da cultura [*Cultur*] que há até agora (por exemplo, Dühring)

2) *Os indivíduos soberanos* (nos quais se cruzam *quantidades de forças* bárbaras e a ausência de limitações em relação a tudo aquilo que foi)

Idade da grande imbecilidade, da brutalidade e da miséria da *massa* e *dos indivíduos elevados*.

25 [85] primavera 1884 (KSA 11.31)

A imbecilização, também na ciência. A despretenção na veneração a Darwin. A modéstia na política, etc.

28 [45] outono 1884 (KSA 11.317)

*Aos burros alemães*⁸

Esses bravos ingleses⁹
Entendimento¹⁰ medíocre
Vós o tomais como “Filosofia”?
Darwin ao lado de Goethe colocar
Isso é: *a majestade lesar* –
*majestatem Genii!*¹¹
De todos os espíritos medíocres
O primeiro – um mestre,

⁸ A estrutura da rima dos versos em alemão é: aabccbaabc-. Havia um título anterior para o fragmento: “Majestas Genii” und Anti-Darwin (KSA, 14.715). Em *Além de bem e mal* § 228 (KSA, 5.228), Nietzsche aponta não haver nada de especial nas pesquisas contemporâneas sobre a moral, mesmo e especialmente entre os ingleses. Haveria uma hipocrisia moral disfarçada de ciência e os ingleses acreditariam que a moral inglesa é a melhor para a humanidade. No fim do parágrafo, Nietzsche qualifica os utilitaristas ingleses de medíocres e ironiza-os também com versos, nos quais os acusa de não terem espírito e gênio. O pensamento de Darwin sobre a origem da moral sofreu importante influência dos utilitaristas

⁹ Nietzsche escreve *Engländer*. Teria feito um trocadilho irônico entre *Engländer* (inglês) e *Engel* (anjo), uma referência à ingenuidade?

¹⁰ A palavra usada por Nietzsche é *Verständner*: seria um artifício para rimar com *Engländer*?

¹¹ Em latim no original: A majestade do gênio!

e, diante dele, de joelhos!
 Mais alto o colocar
 Isso é — — —¹²

28 [46] outono 1884 (KSA 11.318)¹³

Viva, probos ingleses [*Engländer*]
 A vosso Darwin, viva, que ele vos entenda
 Muito bem, tanto quanto seu gado!

Vós honrais justamente, ingleses [*Engländer*],
 vosso Darwin elevado, ele entende
 pouco mais do que criação de gado.
 Porém – como *Goethe* o colocar
 Isso é a majestade lesar
Majestatem geni!

34 [73] abril-junho 1885 (KSA 11.442)

O que nos separa igualmente de Kant como de Platão e Leibniz: nós acreditamos no vir-a-ser, mesmo também produzindo o âmbito espiritual [*wir glauben an das Werden allein auch im Geistigen*], nós somos completamente *históricos*. Essa é a grande mudança. Lamarck e Hegel – Darwin é apenas uma consequência. O modo de pensar de *Heráclito* e *Empédocles* foi ressuscitado. Mesmo Kant não ultrapassou a *contradictio in adjecto*¹⁴ “espírito puro”: mas nós — — —

7 [25] fim 1886 – primavera 1887 (KSA 12.304)

Contra o *darwinismo*.

- a utilidade de um órgão *não* explica sua formação [*Entstehung*], pelo contrário!

¹² Os três travessões indicam uma frase inacabada.

¹³ A estrutura da rima dos versos em alemão é: aab/aab/ccb. Cf. também *Além de bem e mal* § 228 (KSA, 5.228).

¹⁴ *Contradictio in adjecto* (latim): contradição nos termos.

- na maior parte do tempo, durante o qual uma característica [*Eigenschaft*] se forma [*sich bildet*], esta não conserva o indivíduo nem lhe é útil, muito pouco na luta com as circunstâncias exteriores e com os inimigos.
- o que é afinal “útil”? Deve-se perguntar “útil em respeito a quê?”. Por exemplo, o que é útil à *duração* do indivíduo poderia ser desfavorável à sua força e ao seu esplendor; o que conserva o indivíduo poderia, ao mesmo tempo, fixá-lo e imobilizá-lo no desenvolvimento [*Entwicklung*]. Por outro lado, uma *carência*, uma *degeneração* pode ser de elevada utilidade, contanto que atue como estimulante para outros órgãos. Da mesma forma, uma *situação desesperadora* pode ser uma condição de existência, contanto que ela reduza o indivíduo na extensão em que ele *se conserve intacto* e não se desperdice.
- o próprio indivíduo como luta das partes (por alimentação, espaço, etc.): seu desenvolvimento [*Entwicklung*] está ligado a um vencer, ao predomínio de certas partes, a uma atrofia, ao “tornar-se órgão” de outras partes.
- a influência das “circunstâncias exteriores” é, por Darwin, *superestimada* até o absurdo; o essencial no processo vital é precisamente a monstruosa força [*Gewalt*] formadora [*gestaltende*], que, desde o interior, produz formas [*formschaffende*] e *aproveita, explora* as “circunstâncias exteriores”...
- que as *novas* formas configuradas [*gebildeten*] desde o interior *não* são formadas [*geformt*] para um fim [*Zweck*], mas que, na luta das partes, uma nova forma não permanece longo tempo sem explorar uma utilidade parcial, e que, em seguida, conforme o *uso*, ela se aperfeiçoará sempre mais [*immer vollkommener ausgestaltet*]
- se somente se conservou o que provou ser útil de modo *duradouro*, então, em primeiro lugar, as capacidades de prejudicar destruir dissolver, o absurdo, o casual, — — —

12 [1] início 1888 (KSA 13.195)¹⁵

Índice para o livro primeiro

[...]

(234) minha posição e a de Schopenhauer, uma controvérsia, o mesmo em IV
relação a Kant, Hegel, Comte, Darwin, os historiadores, etc.

[...]

14 [123] primavera 1888 (KSA 13.303)

Contramovimento

Anti-Darwin

O que mais me surpreende, ao dar-me conta dos grandes destinos [*Schicksale*] dos homens, é ver sempre ante meus olhos o contrário do que hoje Darwin com sua escola vê ou quer ver: a seleção a favor dos mais fortes, dos melhores dotados, o progresso [*Fortschritt*] da espécie. É precisamente o contrário que se toca com as mãos: a supressão dos acasos bem sucedidos, a inutilidade dos tipos superiores adaptados [*geratennen*], o inevitável tornar-se senhor [*Herr-werden*] dos medíocres, mesmo dos tipos *abaixo da média*. Sendo que não nos foi indicada a razão do homem ser a

¹⁵ Este fragmento é a organização dos 374 fragmentos numerados nos cadernos W II 1 (9 = outono 1887), W II 2 (10 = outono 1887) e W II 3 (11 = novembro 1887 a março 1888). O fragmento 12 [1] 234 corresponde ao 10 [118] (KSA, 12.523-525), no qual aparecem explicitamente Schopenhauer, Kant, Hegel, Spencer e Rousseau, mas não Darwin. Esses cadernos foram escritos entre o outono de 1887 e o inverno de 1887-1888, após a publicação de *Genealogia da moral*, e preparavam um novo livro, *A vontade de potência*. O algarismo romano refere-se à divisão da pretensa obra e corresponde ao plano que aparece no fragmento póstumo 12 [2] primavera 1888 (KSA, 13.211): no nosso caso, IV indica “O eterno retorno”, “A grande política” e “Receitas de vida para nós”. Entre 26 de agosto e 3 de setembro desse mesmo ano, Nietzsche abandona efetivamente esse projeto, substituindo-o por um novo, em quatro livros: *Transvaloração de todos os valores (Umwertung aller Werte)*. Nietzsche, mais uma vez, não realiza a tetralogia proposta no fragmento póstumo 19 [8] de setembro de 1888 (KSA, 13.545): Livro I: *O anticristo*. Ensaio de uma crítica do cristianismo; Livro II: *O espírito livre*. Crítica da filosofia enquanto um movimento niilista; Livro III: *O imoralista*. Crítica da mais funesta espécie de ignorância, a moral; Livro IV: *Dioniso*. A filosofia do eterno retorno. Esse material acaba sendo reorganizado e resulta em *O anticristo* e *Crepúsculo dos ídolos*. As edições de *A vontade de potência* publicadas por Elizabeth Förster-Nietzsche e Peter Gast foram feitas em dissonância com os próprios escritos de Nietzsche e, entre vários problemas graves, não segue a planificação do fragmento póstumo 12 [2] primavera 1888.

exceção entre as criaturas, eu me inclino ao preconceito [*Vorurtheil*] de que a escola de Darwin se enganou em toda parte. Essa vontade de potência [*Wille zur Macht*], na qual eu reconheço a razão e o caráter últimos de toda mudança, coloca-nos nas mãos o meio de saber precisamente por que a seleção a favor das exceções e dos acasos bem-sucedidos não se realiza: os mais fortes e os mais bem sucedidos são fracos quando têm contra si os instintos de rebanho organizados, a pusilanimidade dos fracos, a superioridade numérica. Minha visão global [*Gesammtaspekt*] do mundo dos valores mostra que, nos valores supremos que hoje estão suspensos acima da humanidade, *não* são os acasos bem sucedidos, os tipos selecionados que têm [*<haben>*¹⁶] o predomínio: pelo contrário, os tipos da *décadence* – talvez não haja nada mais interessante no mundo que esse espetáculo *indesejado*...

Por estranho que pareça, tem-se sempre que armar os fortes contra os fracos; os bem-sucedidos contra os malogrados; os saudáveis contra os degenerados e os debilitados por hereditariedade. Quer-se formular a realidade por meio da *moral* – assim diz essa moral: os medíocres têm mais valor do que as exceções, as configurações de decadência [*Decadenz-Gebilde*], mais que os medíocres, a vontade de nada predomina sobre a vontade de vida – e o alvo geral [*Gesammtziel*] é,

portanto, expresso de modo cristão, budista, schopenhaueriano:
 melhor *não* ser do que ser

Eu me *indigno* contra a formulação da realidade por meio da moral: por isso, eu *perhorrescere*¹⁷ o cristianismo com um ódio mortal, pois ele criou as palavras e os gestos sublimes para que uma efetividade [*Wirklichkeit*] horrível apresente-se sob um manto de justiça [,] de virtude, de divindade...

Eu vejo todos os filósofos, eu vejo a ciência de joelhos diante da realidade [*Realität*] de uma luta pela existência [*Kampfs ums Dasein*] às avessas, como ensina a escola de Darwin – a saber, em toda parte o que predomina, o que sobrevive, compromete a vida, o valor da vida. – O erro da escola de Darwin tornou-se um problema para mim: quão cego se pode ser para ver mal precisamente *isto?*... Que as *espécies* constituam [*darstellen*] um progresso é a afirmação mais insensata do mundo: por enquanto, elas constituem um nível, –

¹⁶ Os sinais < > indicam que a palavra foi escrita abreviada ou foi suprimida por Nietzsche. As letras entre os sinais foram acrescentadas pelos editores da KSA.

¹⁷ *Perhorrescere* (latim): detestar, horrorizar-se; estremecer todo.

que os organismos superiores se desenvolveram [*entwickelt*] desde os inferiores, não foi até agora atestado por nenhum caso –

eu vejo que os inferiores são preponderantes pela quantidade, pela prudência [*Klugheit*], pela astúcia – eu não vejo como uma mudança casual propicie uma vantagem, ao menos não por um tempo tão longo, isso seria [*w<äre>*] novamente um motivo para explicar por que [*w<arum>*] uma mudança casual tornou-se tão forte –

– eu encontro a “crueldade da natureza”, da qual tanto se fala, em um outro lugar: ela é cruel contra suas crianças bem-sucedidas, ela cuida e protege e ama *les humbles*¹⁸ – exatamente como – –

* * *

In summa: o crescimento de *potência* [*Macht*] de uma espécie talvez seja menos garantida pela preponderância de suas crianças bem-sucedidas, de seus fortes, do que pela preponderância dos tipos medíocres e inferiores... Nestes últimos, está a grande fecundidade, a duração; com os primeiros, cresce o perigo, a devastação brusca, a diminuição rápida do número.

* * *

¹⁸ *Les humbles* é uma referência à noção de *l'évangile des humbles* (o evangelho dos humildes) do francês Ernest Renan (KSA, 14.761). Em *Crepúsculo dos ídolos*, Incursões de um extemporâneo § 2, lemos: “Ele [Renan] deseja, com uma não pequena ambição, constituir uma aristocracia do espírito: mas, ao mesmo tempo, ele coloca-se de joelhos diante da doutrina oposta, o *évangile des humbles*, e não apenas de joelhos... Para que serve todo pensamento livre, modernidade, zombaria e flexibilidade de papa-formigas, quando se permaneceu, em suas entranhas, cristão, católico e até mesmo sacerdote !” (KSA, 6.112). No mesmo livro, Os “melhoradores” da humanidade § 4 (KSA, 6. 101-102), Nietzsche considera o cristianismo e o evangelho um contramovimento (*Gegenbewegung*) em relação aos bem-sucedidos e seres elevados: o evangelho dos pobres concentra o ódio dos malogrados contra a vida. O fragmento póstumo 11[405] novembro 1887 – março 1888 (KSA, 13.186-187) foi extraído de *Vie de Jésus (Histoire des origines du christianisme. Livre premier*, 13e éd., 1867), p. 187-189: Renan afirma que a ideia de que Deus é o vingador do pobre encontra-se no Antigo Testamento, sendo que há uma oposição entre pobre/doce/humilde/piedoso e rico/ímpio/violento/malvado. Além disso, o *Livro de Enoch* seria ainda mais violento que os Evangelhos em suas maldições contra o mundo, os ricos e os poderosos. Esse fragmento tem semelhanças com o parágrafo já citado anteriormente de “Os ‘melhoradores’ da humanidade” e *Além de bem e mal* § 195 (KSA, 5.116-117). No mesmo capítulo de *Vida de Jesus* (capítulo 11: O Reino de Deus concebido como exaltação dos pobres), encontramos: “Como todos os grandes homens, Jesus gostava do povo e se sentia à vontade com ele. No seu modo de pensar, o Evangelho era feito para os pobres [*pauvres*]. É para eles que Jesus traz a boa nova da salvação” (RENAN, 1863, p. 184).

14 [133] primavera 1888 (KSA 13.315)

Anti-Darwin

A *domesticação* [*Domestikation*] *do homem*: que valor definitivo pode ela ter? ou, em geral, uma domesticação tem um valor definitivo? – Têm-se razões para negar este último.

A escola de Darwin faz, certamente, grandes esforços para nos persuadir do contrário: ela quer que o *efeito da domesticação* possa tornar-se profundo, mesmo fundamental. Por enquanto, nós nos agarraremos a uma antiga [posição] [*am Alten*]: até agora nada foi provado além de um efeito inteiramente superficial devido à domesticação – ou, então, a degeneração. E tudo que escapa das mãos e da seleção [*Züchtung*]¹⁹ humanas retorna quase que imediatamente a seu estado natural. O tipo permanece constante: não se pode “*dénaturer la nature*”.

Conta-se com a luta pela existência [*Existenz*] para a morte dos seres fracos e para a sobrevivência dos seres mais robustos e mais bem-dotados; conseqüentemente, imagina-se um *crescimento contínuo da perfeição para os seres*. Nós temos, ao contrário, assegurado-nos que, na luta pela vida, o acaso serve tanto aos fracos quanto aos fortes, que a astúcia substitui

¹⁹ A tradução da palavra *Züchtung* é algo problemático devido aos sentidos que podem lhe ser atribuídos. O sentido comum de *Züchtung* é criação ou cultura (nos sentidos biológico – cultura de células –, agrário e botânico – cultura de milho). *Zucht* significa, comumente, criação, cultura (no sentido botânico), raça ou disciplina. *Züchten* significa criar ou cultivar (nos sentidos biológico e botânico). Romano, sobre a abrangência desse grupo de termos, afirma que: “a história universal é ‘educação’ dos homens. O campo semântico em que a palavra-chave deste texto se insere, ‘Zucht’, sobrecarrega-se de repressão. Ela pode indicar o processo educativo, a disciplina, a criação, o cultivo. Uma *Zuchtbaus* é uma casa de correção, uma cadeia. *Zuchtigen* implica açoitar, castigar. O indivíduo bem-comportado, educado, honesto e casto é o portador de uma *Zuchtigkeit*. *Zuchtmeister* pode ser tanto o preceptor quanto o carcereiro. Finalmente, o vocábulo adquire seu pleno sentido de apuro, de refinamento das potencialidades naturais, quando se lembra que *Zuchtvielh* é gado de raça” (ROMANO, 1981, p. 30). Considerando essas observações, pensamos que, na filosofia nietzschiana, há elementos para entendermos a educação, a disciplina e a domesticação como processos seletivos, conforme posição já tomada em nossos trabalhos anteriores (FREZZATTI Jr., 2001, p. 120-129 e 2006, p. 199-205). Nietzsche utiliza *Züchtung* tanto no sentido de seleção quanto no sentido de educação, disciplina ou criação. Em um fragmento póstumo do verão de 1875, 9 [1] (KSA 8.161), ao invés de usar a palavra *Selektion* ou *Auslese* (seleção) para designar a seleção natural de Darwin, o filósofo alemão escreve “*der Darwinschen natürlichen Züchtung*” (FREZZATTI Jr., 2001, p. 122-124).

frequentemente com vantagem a força, que a *fecundidade* das espécies está em um *rapport*²⁰ notável com as *chances de destruição*...

Atribui-se à *seleção natural* [*natürlichen Selection*] as metamorfoses, ao mesmo tempo, lentas e infinitas: quer-se acreditar que cada vantagem é transmitida e se expressa cada vez mais forte nas gerações seguintes (enquanto a hereditariedade é tão caprichosa...); contemplam-se as bem sucedidas adaptações [*Anpassugen*] de certos seres a condições muito particulares de vida e explica-se que elas são obtidas pela *influência dos milieus*.²¹ Não se encontraram, porém, em nenhuma parte, exemplos de *seleção inconsciente* (de modo algum). Os indivíduos mais díspares se unem, os extremos se misturam com a massa. Tudo concorre para conservar o tipo íntegro; seres que têm sinais exteriores que os protegem contra certos perigos não os perdem, quando eles se encontram em circunstâncias nas quais vivem sem perigo... Se eles habitam em lugares onde os ornamentos [*Kleid*] deixam de dissimulá-los, eles não se aproximam de modo algum do *milieu*.

Têm-se exagerado de tal modo na *seleção* [*Auslese*] dos mais belos que ela ultrapassa muito o impulso de beleza [*Schönheitstrieb*] de nossa própria raça! De fato, os mais belos se acasalam com criaturas muito deserdadas, o maior com o menor. Quase sempre, nós vemos machos e fêmeas aproveitarem todo encontro casual e, de modo algum, mostram-se exigentes.

Modificação pelo clima e pela alimentação. Porém, na verdade, indiferença absoluta.

Não há *formas de transição*...

Espécies distintas reduzidas a uma. A experiência diz que a uni-ficação condena à esterilidade e que um tipo torna-se senhor novamente.

²⁰ Nietzsche utiliza, para significar “relação”, a palavra francesa *rapport* e não o termo alemão *Bericht*.

²¹ A palavra francesa remete às teorias em voga na psicofisiologia francesa de matiz positivista na segunda metade do século XIX, como, por exemplo, Hyppolite Taine, que propunha a influência do meio como fundamental no desenvolvimento dos seres vivos. Vários excertos nietzschianos atacam essa teoria; por exemplo: “NB NB a teoria do *milieu*, uma teoria da *décadence*, mas que invadiu e dominou a *fisiologia*” (15 [105] primavera 1888, KSA, 13.468) e “A teoria do *milieu*, hoje a teoria parisiense *par excellence*, é ela mesma a prova de uma fatal desagregação da personalidade” (15 [106] primavera 1888, KSA, 13.468), além do importante *Crepúsculo dos ídolos*, Incursões de um extemporâneo § 44 (KSA, 6.145-146), “*Meu conceito de gênio*”. Nietzsche acreditava que a teoria do meio perpassava o evolucionismo darwiniano e spenceriano (FREZZATTI Jr., 2001, p. 96-97, p. 103-104).

Afirma-se o desenvolvimento [*Entwicklung*] crescente dos seres. Falta-lhe todo fundamento. Todo tipo tem seus *limites*: além dos quais não há desenvolvimento [*Entwicklung*]. Até eles, absoluta regularidade.

Os seres primitivos devem ser os antepassados dos atuais. Um olhar sobre a fauna e a flora do Período Terciário, porém, permite-nos pensar apenas em algo como uma terra ainda inexplorada, onde há tipos que não existem em outros lugares e que são aparentados uns aos outros e até mesmo àqueles que existem em outros lugares.

Minhas conclusões

Minha visão global. – Primeira proposição: o homem enquanto espécie *não* está em progresso [*Fortschritt*]. Tipos superiores são sim alcançados, mas eles não se mantêm. O nível da espécie *não* se eleva.

Segunda proposição: o homem enquanto espécie não constitui nenhum progresso [*Fortschritt*] em relação a qualquer outro animal. O mundo animal e vegetal inteiro não se desenvolve [*entwickelt*] dos inferiores para os superiores... Mas sim todos ao mesmo tempo, e um sobre o outro e misturados e um contra o outro.

As formas mais ricas e mais complexas – pois a palavra “tipo superior” não quer dizer mais que isso — perecem [*gehen zu Grunde*] mais facilmente: somente as mais inferiores agarram-se a uma aparente eternidade. As primeiras são raramente alcançadas e mantêm-se por cima com perigo: as últimas têm uma fecundidade comprometedora para si. – Na humanidade, os tipos superiores, os casos bem-sucedidos do desenvolvimento [*Entwicklung*], perecem também mais facilmente sob a alternância dos benefícios e das desgraças.

Elas estão expostas a todo tipo de *décadence*: elas são extremas e, por isso mesmo, quase já *décadents*... A breve duração da beleza, do gênio, do César, é *sui generis*: tal coisa não se transmite. O *tipo* se transmite; um tipo não é nada extremo, não é nenhum “caso bem-sucedido”...

Isso não é culpa de uma fatalidade [*Verhängniß*] particular nem de uma “vontade má” da natureza, mas sim simplesmente à noção de “tipo superior”: o tipo superior constitui uma incomparavelmente grande complexidade, – uma grande soma de elementos coordenados: com isso, a desagregação torna-se também incomparavelmente mais provável.

O “Gênio” é a mais sublime máquina que existe, – por conseguinte, a mais frágil.

Terceira proposição: a domesticação (“a cultura” [*Cultur*]) do homem não pode ser feita profundamente... Onde ela pode ser feita profundamente, ela é imediatamente a degenerescência (tipo: o cristão) [.]. O homem “selvagem” (ou expresso moralmente: o homem *mau*) é o seu regresso à natureza – e, em certo sentido, – seu restabelecimento, sua *cura* da “cultura” [*Cultur*]...